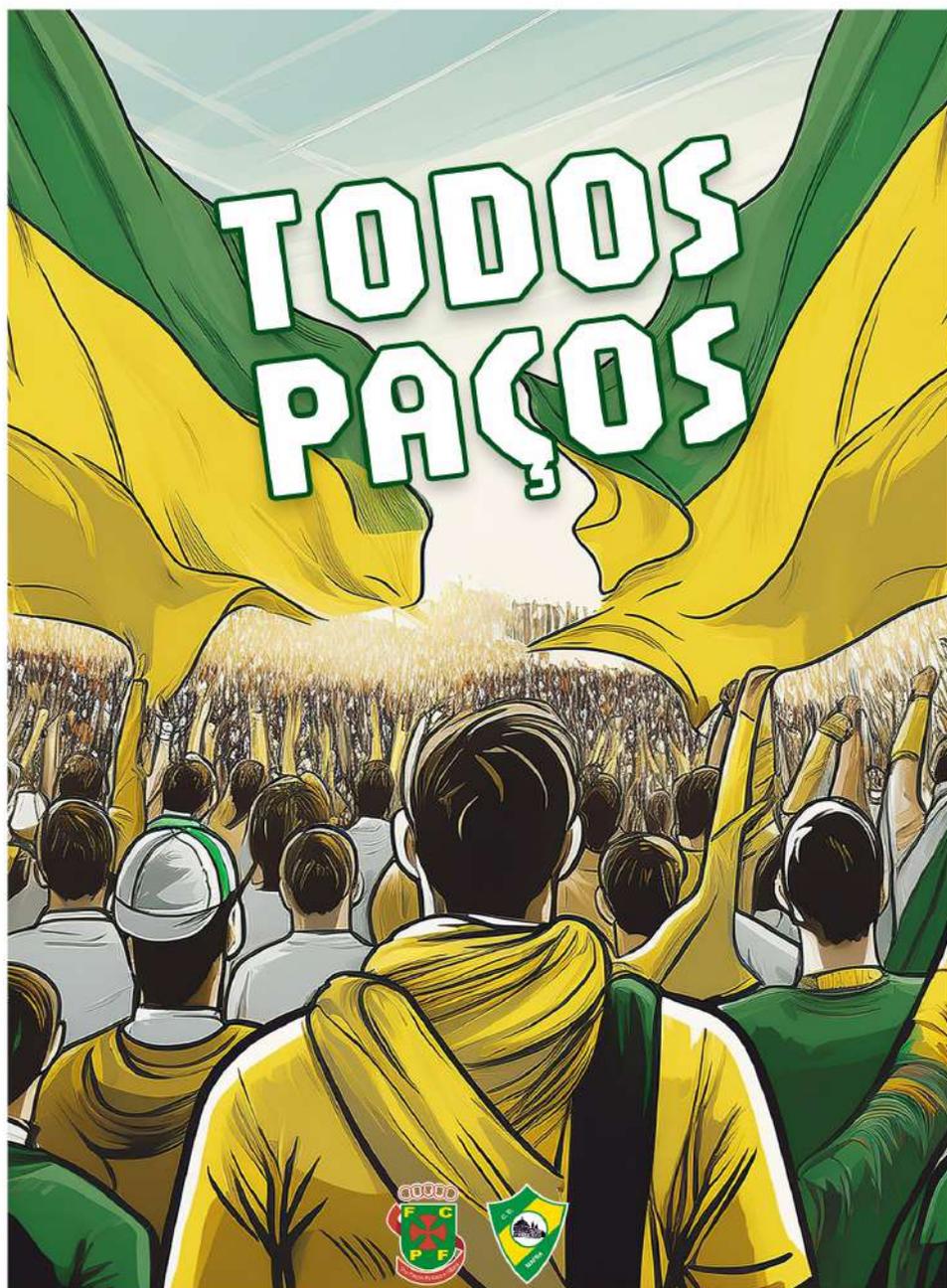


FCPF MAGAZINE #113



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J18 - 19 JAN 2025 - 14:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

Ao contrário do almejado, têm sido agitados estes primeiros dias de 2025. O ano até começou bem, com a épica vitória na Mata Real (4-3) sobre o Académico de Viseu. Um jogo que fez o mítico estádio reviver velhos momentos de glória, ao ajudar à recuperação de três desvantagens no marcador, e vibrar com um golo vitorioso nos derradeiros instantes da partida.

Infelizmente, foram sensações efémeras, pois na última semana a equipa voltou à sina recente e perdeu em Felgueiras. Um desaire que teve consequências para a equipa, que voltou a ficar em lugares inseguros na tabela, e também para o mister Ricardo Silva, que deixou o Clube.

Seria injusto não elogiar a postura e o trabalho desenvolvido pela equipa técnica cessante ao longo da última época e meia. Ricardo Silva entrou com o Paços a viver a mais difícil conjuntura da sua história e alcançou o quinto lugar da classificação na época passada. Esta temporada, com um desinvestimento mais acentuado na equipa, lutou com os meios que lhe colocaram à disposição para que os danos fossem minimizados. Não o conseguiu, mas fica a marca de um bom profissional.

No início da semana foi apresentado o seu sucessor. Carlos Fangueiro trocou o mar pelos móveis, e do Leixões rumou a Paços de Ferreira. É agora o nosso mister e aquele em quem se deposita a esperança de reavivar o Paços e cativar os adeptos no apoio à equipa. É uma tarefa delicada, mas Carlos Fangueiro já provou saber lidar com essa pressão em trabalhos anteriores, o que nos dá a fé inquestionável no seu sucesso.

A estreia da nova equipa técnica acontece esta tarde, ante o CD Mafra. A vitória sobre o conjunto mafrense no jogo de estreia do campeonato é um trunfo dos Castores, mas não se esqueça de que o adversário está três pontos atrás na classificação e em lugar de play-off. É, por isso, de capital importância uma vitória. Que os ventos da nova liderança e a consciência do momento façam a Mata Real reviver toda a felicidade que a segunda parte do jogo com o Académico nos fez sentir.

A semana ficou também marcada pela despedida de Zé Uilton do Clube. O avançado brasileiro, que chegou em 2018 para levantar a taça da II Liga, manteve-se seis temporadas e meia no Paços, sempre focado no Clube e com um irrepreensível comportamento que conquistou colegas e demais estrutura pacense. Agora - 216 jogos e 16 golos depois - partiu para uma aventura no Médio Oriente, mas deixou a sua marca em Paços. Boa sorte!

A entrevista da «FCPF Magazine» é com o jovem Miguel Mota. Após terminar a sua formação no FC Paços de Ferreira, palmilhou o caminho das divisões inferiores durante duas temporadas, até regressar para cumprir o sonho da estreia com o manto amarelo. *“Sei o que é jogar à Paços, sinto-o mesmo, e, tendo em conta a situação difícil do clube, só tinha de dar o meu máximo”* - é este o espírito que os atletas formados no Clube têm de aportar à equipa profissional.

Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 113 - Janeiro 2025

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“O meu papel aqui é dar o meu melhor em prol da equipa”

O desejo era simples: voltar a jogar perto de casa para estar mais próximo da família e apenas desfrutar do futebol. O que Miguel Mota não sabia ainda nessa altura, era que a ligação ao FC Paços de Ferreira iria acabar por ser bem mais impactante do que isso. O jovem lateral direito dos Castores, produto da formação pacense, cumpre este ano a sua primeira época no plantel profissional, e já conseguiu a sua estreia – fruto de muito trabalho e empenho em prol do clube.



A presente época, pelo menos a nível individual, será sempre especial: estreaste-te pela equipa profissional e tiveste ainda a estreia como titular. Quais são as sensações?

De orgulho, acima de tudo, por estar a fazer o que mais gosto. Há o sentimento de missão cumprida, pois era algo que eu ambicionava há muito tempo. Antes disto, fui emprestado ao Rebordosa e ao Montalegre, cresci muito; amadureci a nível de jogo e também fora de campo. E agora, quando voltei, senti que tinha todas as condições para agarrar a oportunidade. Sabia que não ia ser logo a primeira opção de início, tinha de trabalhar sempre, independentemente de jogar ou não, de ser ou não convocado. Quando surgiu a oportunidade de me estrear, fiquei muito feliz, mesmo. E quando soube que ia ser titular só pensava em dar o meu melhor.

Foram dois jogos completamente diferentes. Contra o Portimonense, houve um duro golpe. A chamada para entrares, já na reta final, apanhou-te de surpresa?

Não estava a contar que pudesse entrar, pois

já estávamos perto dos descontos. Depois o Costinha magoou-se e, então, teve de ser aquela substituição um bocadinho à pressa. [Risos] Mas quando o mister me chamou, só pensei em entrar e ver se ganhávamos; só queria ajudar a equipa. A partir do momento em que o treinador nos chama, o chip muda logo – é inquestionável. Nós estamos aqui para ajudar a equipa, então quando somos chamados temos de estar prontos.

Com o Académico de Viseu, a titularidade já foi mais expectável. Como é que te sentiste nesse jogo? Oficialmente, já não jogavas de início há alguns meses.

Como não fazia um jogo oficial a titular desde o Rebordosa, sabia que, fisicamente, ia ser muito difícil aguentar os 90'. A este nível, é exigida muito mais capacidade física. Mas também sabia que tinha de estar no meu melhor. Psicologicamente, só dependia de mim. Desde o início, a cada semana de treino, mesmo sabendo que a probabilidade de jogar ao fim de semana era mais reduzida, eu dava sempre o meu melhor. Acima de tudo para ajudar os

meus colegas. Mas quando senti que podia ser opção, as minhas capacidades de treino, de motivação, de concentração elevaram-se ainda mais. Tive uma semana muito boa e isso, juntamente com o apoio dos meus colegas, fez com que me sentisse ainda mais confiante. E depois é futebol - eu não consigo estar nervoso a fazer o que mais gosto. Claro que há aquele bichinho do "tem de me correr bem", mas eu sabia que me ia correr bem, porque me preparei bem. Acho que merecia aquela oportunidade, e quando a tive dei a vida. Nem foi por mim, foi pelo clube. Sei o que é jogar à Paços, sinto-o mesmo, e, tendo em conta a situação difícil do clube, só tinha de dar o meu máximo. E, felizmente, ganhamos aquele jogo.

«Percebi que tinha conseguido passar a mensagem de que o meu jogo pelo Paços vem mesmo do coração - e isso foi um orgulho.»

Sendo tu um atleta da formação, e já com alguns anos de Paços, chegar à equipa principal é um sonho concretizado, como referiste. Quando se está na formação, pensa-se muito na estreia profissional por esse mesmo clube?

Quando vim para o Paços, depois de as coisas não terem corrido tão bem no Benfica, o que eu mais queria era desfrutar do futebol, sem pensar no futuro a longo prazo. As coisas correram muito bem quando cá cheguei, como Sub-16. Como Sub-17, comecei a ser chamado para treinar com a equipa principal e aí já comecei a pensar de outra maneira. Até que, nos Sub-18, assino contrato profissional e o chip muda de vez: "Afinal, talvez haja uma possibilidade de jogar ao mais alto nível". Percebi que todo o meu foco tinha de ser para isto. Era o meu sonho desde pequenino, e as coisas acontecerem naturalmente ajudou-me muito.

E a estreia correspondeu àquilo que tinhas imaginado?

Sim, correspondeu. Todos os jogos em que se veste esta camisola são diferentes - então a nível profissional... Claro que já a vesti na formação e

senti-a de uma maneira inexplicável, mas poder vesti-la para que todos os Pacenses me vissem jogar é totalmente diferente. É que na formação são maioritariamente pais e familiares quem vê os nossos jogos. E agora não. No final, depois de ter lido alguns comentários, percebi também que tinha conseguido passar a mensagem de que o meu jogo pelo Paços vem mesmo do coração - e isso, para mim, foi um orgulho muito grande. Naquele primeiro segundo, quando o árbitro apitou, senti a adrenalina pelo corpo todo e sabia que as coisas tinham de correr bem. Foi um sonho concretizado.

Contra o Académico de Viseu, a equipa conseguiu ir sempre à procura do melhor resultado. A atitude foi, efetivamente, diferente?

Diria que nesse jogo tivemos alma. Não é que não tenhamos tido nos outros jogos, mas acabávamos por perder pontos em detalhes. Na primeira parte, o Viseu teve mais oportunidades, mas conseguimos manter no jogo com o 2-2 e depois houve aquela situação com o Antunes... Ele é o nosso capitão, o nosso exemplo - foi essa a mensagem que lhe passei ao intervalo -, e aquela situação deixou-nos muito unidos. Sabíamos que tínhamos de dar tudo, que tínhamos de dar uma boa resposta, e os adeptos também perceberam que temos um balneário forte nesse aspeto. No geral, por tudo, houve muita alma. Não ganhamos com a cabeça, mas com o coração.

O ambiente no estádio também foi relativamente diferente, na segunda parte. Havia outra energia, os adeptos empurraram a equipa. Isso faz mesmo a diferença.

E sentimos muito. Dentro de campo também notávamos que estávamos com outro ritmo, e acho que isso passou para os adeptos. A jogar em casa, com a força deles, é muito difícil baixarmos a cabeça. Lutamos mesmo até ao fim. Com essa ajuda que vem da parte deles, parece que, quando não conseguimos correr, corremos mais um bocadinho; quando parece que não vai dar, dá. O golo do Lumungo é isso mesmo: há o desvio do Rui, e quando o vimos a ir por ali fora sabíamos que ia dar em alguma coisa.

INTERESTORE



Contudo, em Felgueiras, a equipa não aproveitou o embalo dessa vitória – e, dias depois, acontece a mudança de equipa técnica. Como foi esta última semana de trabalhos com o mister Fangueiro?

Sinto que há uma energia diferente. O mister chegou e impactou-nos muito, porque veio com uma energia muito positiva. Nos treinos tenho-me sentido bem, porque ele interage muito connosco e atrai muita positividade – e quando tem de ser duro, claro que o é. Mas quando chegou e foi apresentado, penso que teve um impacto muito positivo na equipa, e isso sente-se. Vamos para o campo com mais leveza e os treinos têm corrido bem.

A entrada de alguém que não passou por estas fases mais complicadas das últimas épocas traz desde logo um novo ânimo?

O mister Fangueiro passa-nos muito a mensagem de que este grupo tem qualidade e tem todas as capacidades. Disse-nos que o que falta é autoconfiança, e é muito provável que seja isso mesmo – porque nós fizemos bons

jogos e muitas das vezes não conseguimos ganhar, acontecia sempre algo. Lá está, consegui trazer uma certa leveza e vem com muita positividade – positividade essa que, a meu ver, foi bem espalhada pelos jogadores.

Tem sido tempo de assimilar novas ideias.

Sim. Temos de aumentar muito o ritmo. O mister já esclareceu as ideias dele, e a base passa por não termos medo de errar; sermos confiantes. E se errarmos, temos de reagir muito rapidamente à perda da bola.

A chegada de um novo treinador pode ainda ser vista como uma “nova oportunidade” para os jogadores menos utilizados até então?

Pode trazer um «boost» extra, mas para mim nada muda, porque o meu objetivo está bem assente: eu vou dar sempre o meu melhor, porque não sou eu que tomo as decisões, e nunca vou ser. O meu papel aqui é dar o meu melhor em prol da equipa, porque nenhum jogador é maior do que o Paços. É isso que podem esperar de mim.



O jogo de hoje com o Mafra, um adversário direto, é de grande importância. O que espera deste encontro?

A vitória. Espero que os adeptos nos apoiem como em Felgueiras, espero a energia que tivemos no último jogo em casa com o Viseu. Mas, acima de tudo, espero a vitória.

É o início da segunda volta. O mercado está aberto, vão chegando novos atletas... Quais são as expetativas para o que aí vem?

As minhas expetativas são jogo a jogo. Temos de pensar em ganhar este jogo e depois o próximo e o próximo. Aliás, primeiro devemos pensar nos treinos, porque, se não treinarmos bem, o jogo também não vai correr bem. Mas para esta segunda volta acho que é mais importante pensar sempre no jogo que vier a seguir. Neste momento, estamos a lutar pela manutenção, o primeiro objetivo não correu como planeado, por isso não adianta pensar muito no futuro. Temos de nos concentrar ao máximo no jogo da frente. Agora vem o Mafra e temos o foco todo aí.



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

Ora e esta tua caminhada pelo futebol começou com que idade?

Comecei a jogar com nove anos, na Geração Benfica de Paredes.

Começar a jogar futebol foi uma escolha tua?

Foi uma opção minha, sim. Eu andava no karaté, por incentivo do meu pai, mas estava sempre a dar-lhe na cabeça, porque queria ir para o futebol. [Risos] Jogava à bola na escola e via que conseguia fazer umas coisas, gostava daquilo, então pedia-lhe muitas vezes para ir. Ao fim de dois ou três anos no karaté, ele lá me deixou ir para o futebol, já que era aquilo que eu mais gostava. Nunca mais pratiquei karaté – gostava muito, mas prefiro o futebol.

O teu irmão também joga. Ajudou a alimentar o bichinho?

Sim, em casa estava sempre a jogar com o meu irmão. Era inevitável. Ele é mais velho, e na altura em que entrei para o futebol ele já jogava, em Lousada, de onde somos. Depois foi para o mesmo clube que eu.

Parte da tua formação, antes de vires para o Paços, foi, como já disseste, no Benfica.

Vou para o Seixal com 11 anos, mas quando não tinha ainda idade para ir para o Seixal, fiquei num dos centros de formação e treino que o clube tem espalhados pelo país, para, dessa forma, segurar alguns jogadores. O que ficava mais perto de mim era em Braga, e foi, então, lá onde joguei antes de me mudar para o Seixal. Depois, fiquei três anos na academia. Cresci muito, ganhei muita responsabilidade e tive de me tornar um homenzinho mais cedo. [Risos] Os meus pais iam lá visitar-me de 15 em 15 dias, maioritariamente. À minha mãe custou-lhe muito, mas ela sempre disse que nunca me iria “cortar as pernas”. Portanto, encarou isso com positividade. Afinal, eu ia atrás de um sonho, num grande clube.

E só custou à mãe?

No início não me apercebia de que ia custar tanto. [Risos] Era a adrenalina de lá estar. Mas depois, com o passar do tempo, sentia tantas saudades. Ainda chorei muitas vezes.

Vens para a Mata Real três anos depois. Como se deu essa vinda para cá?

Para ser sincero, eu queria vir para casa. Quando fui dispensado do Benfica, recebi propostas de outros clubes. Na verdade, nenhuma delas era do Paços – eu é que vim aqui pedir para jogar, digamos assim, porque queria ficar em casa. Tinha passado muito tempo fora, longe dos meus pais, e sentia que precisava deles. Alguns dos clubes até eram de perto, mas tinha de ficar na mesma numa habitação deles e não queria isso. Queria vir para casa, para sentir o apoio dos meus pais, dos meus irmãos. É que eu senti que perdi três anos de convivência com eles; não sabia muito bem o que acontecia com os meus irmãos, com os meus pais. Não tinha aquela ligação de quem está perto, e queria essa estabilidade. Posso mesmo dizer que sinto muita falta de não ter vivido com os meus irmãos nesses três anos.

«Que nos apoiem, que nos empurrem do primeiro ao último segundo, pois nós vamos dar o nosso melhor.»

Quais são as melhores memórias que tens desse período de formação no Paços?

No primeiro ano fui o melhor marcador da equipa. Comecei como defesa-direito, mas depois adaptamos um sistema em que eu era o ala, e fiz muitos golos. Como Sub-17, comecei a jogar pelos Juniores – a geração do Lima, do Bastos – e tive a oportunidade de ir a um estágio pela Seleção. Não tinha sido convocado à primeira, mas houve um rapaz que não pôde ir e o selecionador convocou-me a mim. Lembro-me de estar a jantar com a família lá em casa, quando recebo a chamada do presidente José Pinto. E o estágio, curiosamente, era em Lousada. Nessa mesma semana, quando regresso do estágio, vou também treinar com a equipa principal do Paços. Ou seja, foi ali um momento em que tudo aconteceu: deixo de jogar nos Sub-17 para jogar nos Sub-19, faço dois jogos, sou convocado para a Seleção, regresso e começo a treinar com a equipa principal do Paços.

Como Sub-18 fiz a pré-época com o Pepa. Foi naquela fase do COVID, o nosso campeonato tinha terminado, mas a Primeira Liga não, então treinei com eles e vivi aquele quinto lugar. Foi um ano muito bom, aprendi muito nos treinos e fui crescendo. Já como Sub-19, no Nacional de Juniores, fizemos um campeonato excelente e só não conseguimos passar à segunda fase por dois pontos. Nessa altura, eu treinava com a equipa principal, mas jogava pelos Juniores. Era uma grande diferença. Fui convocado ainda algumas vezes para os seniores, mas não cheguei a estreiar-me. Houve até uma vez em que o Paços não tinha laterais direitos para um jogo. Durante a semana eu fui treinando, podia haver a possibilidade de jogar, e foi nessa mesma semana que me lesionei e tive de ser operado ao menisco... Estreei-me agora.

Terminada a formação, és emprestado ao Montalegre, da Liga 3. Como foi dar esse salto, já com uma certa preparação conseguida na equipa profissional do Paços?

Sentia-me muito mais preparado, sem dúvida. Quando fui para o Montalegre, sabia que não ia ter logo um lugar só por ter treinado com a equipa profissional do Paços. Eu era um miúdo. Tive de dar o melhor de mim para conseguir o meu espaço na equipa. É que nós é que chegamos a determinado sítio emprestados e do zero; o resto da equipa já se conhece praticamente toda. Mas essa temporada foi um pouco difícil – Montalegre é um meio pequeno, e a nível futebolístico as coisas também não estavam a correr muito bem e descemos de divisão. Tínhamos uma boa equipa, mas as coisas não estavam a sair bem e tive ainda o azar de me lesionar.

Já o teu segundo empréstimo foi ao Rebordosa, do Campeonato de Portugal. Foi mais ou menos duro do que a Liga 3?

Foi menos duro, porque eu gostei mesmo muito de lá estar. Fui muito bem recebido em Rebordosa. O grupo era mesmo fantástico, já se conheciam todos e integraram-me muito bem. Estou muito agradecido, gostei mesmo de lá estar, e cumprimos o nosso objetivo, que era a manutenção. Foi menos duro, porque

me sentia muito bem mesmo. E quando se está bem numa equipa, as coisas acontecem naturalmente.

Em 19 jogos, marcaste três golos.

Fiz o ano a extremo. [Risos] Lá joguei mesmo em muitas posições: lateral esquerdo, lateral direito, extremo esquerdo, extremo direito. Cheguei a jogar a 10. No início, como não jogava, o treinador veio falar comigo, disse-me que confiava muito no jogador que tinha na minha posição, e eu respondi “O que pode esperar de mim é que vou sempre dar o meu melhor. Quando o mister me quiser lá dentro, eu vou estar pronto”. Depois, quando tive a oportunidade, ele disse-me que seria a extremo. Fui titular, fiz golo e os 90 minutos, e na semana a seguir foi o jogo com o Braga, para a Taça de Portugal. Joguei a extremo também. Fizemos um bom jogo, com o estádio cheio, e o resto da época foi acontecendo naturalmente.



Voltaste nesta última pré-época e garantiste o teu lugar no plantel. Apesar de, eventualmente, terem sido difíceis esses dois empréstimos, sentes que foram determinantes para este ano teres conseguido o teu lugar?

Foram muito determinantes. Quando sabia da notícia que ia ser emprestado, claro que no primeiro dia não chegava ao novo clube supermotivado, pois era no Paços que queria estar. Mas também encarava logo com positividade. Eu tinha de me mostrar ali para voltar com tudo. E foi isso que aconteceu neste último ano. “Estou aqui e pronto, não adianta pensar noutras coisas. Vou dar o meu melhor para crescer”. Claro que são campeonatos diferentes,

há mais manha, mas cresce-se na experiência. O futebol pode não ser o melhor, mas cresce-se noutros aspetos.

Quando se termina a formação, acaba por ser vantajoso ir para esses campeonatos e ganhar minutos, experiência, em vez de ter menos oportunidades de jogo numa liga mais alta?

Sim, cresce-se muito. É que há coisas que só se adquirem com o jogo. A experiência, a consistência, a maturidade. É preciso saber que o mais importante é não falhar. Se eu não falhar, vou ganhando confiança e as coisas vão sair melhores. Há coisas que só se aprendem a jogar. No primeiro ano em que sou emprestado, tinha acabado de chegar de lesão, e sabia que ia ser muito difícil ficar no Paços. Eu tive duas lesões, mas sempre que voltava vinha com uma força interior muito grande. Parecia que estava ainda melhor. E as coisas até estavam a correr bem nessa pré-época, mas sabia que ia ser difícil e fui emprestado ao Montalegre, onde acabou por não correr muito bem - tive a outra lesão... Fiz uns dez jogos, até janeiro. Depois, quando volto, faço a pré-época outra vez vindo de lesão. Sabia, outra vez, que ia ser difícil, até porque no primeiro empréstimo não tive tempo para mostrar aquilo que valia, e poderia ser emprestado de novo. Na altura, tinha como opção o Rebordosa. Não seria fácil conseguir

um lugar, porque já me tinham dito que aquela equipa já se conhecia há muito tempo, os jogadores eram os mesmos há muito tempo, mas o que fiz lá é o que estou a fazer aqui: trabalhar, fazer a minha parte e não deixar que me apontem o dedo em nada. Lá fui ganhando o meu lugar. Tive as oportunidades e agarreias. Tive aquele jogo da Taça com o Braga, e a partir daí tive a confiança total do treinador e fiz uma boa época. Voltei aqui já confiante, muito mais consistente nas minhas ações, muito mais maduro e sabia que tinha de ser este ano que tinha de cá ficar. Felizmente deram-me essa oportunidade, e soube desde o início que ia ter de trabalhar sempre. Não podia ir abaixo se não jogasse ou se não fosse convocado, e foi isso que fiz. No trabalho, na dedicação, na vontade não me podem apontar o dedo. Tem de ser assim, porque se eu estivesse desleixado não ia conseguir agarrar a oportunidade quando ela chegasse.

Uma mensagem para os adeptos.

Que nos apoiem, que nos empurrem do primeiro ao último segundo, porque nós vamos dar o nosso melhor. Estamos aqui para mudar o rumo das coisas. Peço que confiem em nós, porque, acreditem, também sentimos muito tudo aquilo que se passa. Apoiem-nos, confiem na equipa, e todos juntos vamos conseguir dar a volta à situação.





FUTSAL  FCPF

CAMPEONATO NACIONAL

III DIVISÃO FUTSAL - FASE REGULAR | SÉRIE A - JORNADA 12

**FC PAÇOS DE FERREIRA
DREAMCOUCH FUTSAL**

VS

CA MOGADOURO

25 de janeiro | 20h00

**Pavilhão Municipal de
Paços de Ferreira**

#defendeoamarelo

TETAGUARDA

dreamcouch

CLASSIRIBALTA

AlarSAT

martins

STARMED





FC PAÇOS DE FERREIRA

CD MAFRA

CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



CLUBE DESPORTIVO DE MAFRA
FUNDADO A 24 DE MAIO DE 1965

Em 1964, um ano antes da fundação do Clube Desportivo de Mafra, surgiram as primeiras conversas para a sua criação. Nessa altura, havia, afinal, uma lacuna por preencher: é que, apesar de o concelho de Mafra ter alguns clubes pelas suas freguesias, não havia nenhum que representasse a sede do concelho. De facto, já tinha existido um Clube Desportivo de Mafra, fundado em 1940 e com o mesmo emblema que o atual, mas acabou por desaparecer – tendo sido então necessário recomeçar tudo do zero. Desde as primeiras conversações até maio de 1965, o trabalho foi “grande e rápido na angariação de sócios”, como se lê no site oficial. Uns meses mais tarde, a 19 de outubro, foram aprovados os primeiros estatutos.

O CD Mafra disputa a Segunda Liga desde 2018/2019, depois de se ter sagrado vencedor do Campeonato de Portugal na época anterior. Em 2014/2015 também conquistou este título, conseguindo, assim, pela primeira vez a ascensão às ligas profissionais.



Estádio Municipal de Mafra
Mafra
1249 lugares

ESTÁDIO

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

5 jogos (desde 2019)

Vitórias

2

2

Golos

5

4

MAIOR VITÓRIA FCPF EM CASA



2-0
2018/19

Na manhã de 5 de maio de 2019, o FC Paços de Ferreira ficou a apenas uma vitória de conquistar o título de campeão da Segunda Liga pela quarta vez. Na receção ao CD Mafra – e já com a subida ao principal escalão do futebol português garantida – Elves Baldé foi a grande figura do encontro, ao marcar os dois golos (aos 37' e aos 51') que deram o triunfo (2-0) aos Castores, deixando-os mais perto do tão desejado troféu.



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2

MELHOR MARCADOR	18	PONTOS	15
RUI FONTE - 4 GOLOS			
JOÃO CAIADO - 4 GOLOS	20	GOLOS MARCADOS	16
FORMA			
D V D V D	28	GOLOS SOFRIDOS	24
			D V D E D

ÚLTIMO JOGO DO MAFRA

Na jornada 17 da Liga Portugal Meu Super, houve Derby do Oeste a abrir 2025, com o CD Mafra a deslocar-se a Torres Vedras para então defrontar o SCU Torreense. Os mafrenses foram quase sempre mais perigosos, e mesmo em cima do intervalo tiveram a oportunidade de passar para a frente do marcador, após ser assinalada uma grande penalidade a seu favor. Contudo, Gui Ferreira acertou no poste, mantendo-se a igualdade. No segundo tempo, o CD Mafra permanecia insistente - ainda que sem conseguir os feitos desejados - e quando se pensava que o nulo já não se iria desfazer, foi Tobias Thomsen quem trocou as voltas. O avançado dinamarquês entrou aos 88' para fazer o golo da vitória torreense aos 90+5', para desilusão do conjunto de Mafra, que, assim, se mantém no lugar de play-off de despromoção/manutenção.



SABE MAIS SOBRE...

O avançado nigeriano **FRIDAY ETIM** tem estado em evidência nesta segunda temporada no CD Mafra. Com quatro golos e três assistências no campeonato (mais um golo na Taça de Portugal). Etim teve interferência em quase metade dos golos da equipa marcados até ao momento (16).



SOLVERDE.PT

FCVG 1950 ✦ 2025 FCPF

SALDOS

LOJA DO CASTOR

DESCONTOS
ATÉ 60%



Na Loja Física e em
www.fcpf.pt/castor-store

Uálido até 31 janeiro 2025

#defendeoamarelo

MERCADO DE INVERNO

Com a chegada do mês de janeiro dá-se também o arranque do mercado de transferências. E na Mata Real as primeiras mudanças já se fizeram sentir. Fica a par das entradas e saídas do plantel.

Entradas



Marozau é o primeiro reforço de inverno a chegar à Mata Real. O ponta de lança de 24 anos integra o plantel pacense por empréstimo do FC Arouca, até ao final da temporada.

O atleta internacional pela seleção da Bielorrússia, teve a sua primeira experiência no futebol português na época 2023/2024, ao serviço do FC Arouca. Esta época, até à mudança para a Capital do Móvel, foi opção em 12 jogos dos arouquenses.

Em 2023, o último ano no seu país, Marozau representou o Dinamo Minsk, clube pelo qual se sagrou campeão bielorruso e se destacou como o melhor marcador da prova (17 golos).

Saídas

Depois de seis anos e meio ao serviço do FC Paços de Ferreira, **Uilton** deixou a Mata Real para representar o Al Arabi Sports Club, do Qatar.

No total, realizou 216 jogos pelos Castores e marcou por 16 vezes. Foi uma das «peças» da subida e do título de 2018/2019, e foi também um dos atletas que levou a equipa ao quinto lugar de 2020/2021 e que representou o emblema pacense na UEFA Europa Conference League, na temporada seguinte. Nos últimos anos, já como elemento com mais anos «de casa» e sendo um dos capitães, teve um papel importante no acolhimento de quem chegava ao plantel, transmitindo os valores pacenses.



Empréstimos



O FC Paços de Ferreira chegou a acordo com o FC Barreirense, do Campeonato de Portugal, para a cedência, a título de empréstimo até ao final da temporada, do atleta **João Vale**.

O jovem defesa central chegou à Mata Real na temporada 2022/2023 para representar os Juniores, e cumpriu a sua etapa de formação na época seguinte. Em julho de 2024, assinou o primeiro contrato profissional e integrou o plantel sénior – com quem já vinha a trabalhar desde o início do ano.

CARLOS FANGUEIRO

“TREINAR O PAÇOS ERA UMA AMBIÇÃO DE LONGA DATA”



franciscoj.dias
mobiliário

Foi no dia 14 de janeiro que a Direção do FC Paços de Ferreira deu a conhecer o novo técnico da equipa profissional. O plantel pacense está agora às ordens de Carlos Figueiro, que chegou à Mata Real acompanhado por Pedro Martins (treinador-adjunto) e Costinha (treinador de guarda-redes). A nova equipa técnica contará ainda com elementos do clube que coadjuvaram a equipa técnica anterior.

Carlos Manuel Figueiro Soares – é este o nome do novo «homem do leme» do FC Paços de Ferreira. O técnico de 48 anos, natural de Matosinhos, foi apresentado esta semana como o sucessor de Ricardo Silva, tendo começado desde logo a orientar a equipa para o importante jogo deste domingo, frente ao CD Mafra.

“A primeira impressão com que fiquei é que este é um grupo que gosta, efetivamente, de trabalhar. A dedicação e o empenho que tiveram neste primeiro dia é algo que vou cobrar, porque nos próximos dias têm de ser iguais, ou melhores ainda”, começou por dizer o novo timoneiro dos Castores, logo após a primeira sessão de treino realizada com o plantel. “O Paços é um grande clube, com incríveis condições de trabalho – ao nível dos melhores clubes portugueses – e com um plantel que tem qualidade. E juntos vamos trabalhar para dar a volta à situação atual. Infelizmente, se eu vim para cá é porque as coisas não estavam a correr tão bem, e quero desejar, logicamente, boa sorte e sucesso ao Ricardo Silva, e que consiga encontrar um projeto o mais rapidamente possível”, acrescentou.

Perspetivar o futuro na base da “confiança e da motivação” foi, desde logo, um dos pontos destacados pelo novo mister: “Detetei que, emocionalmente, o plantel não está tão bem quanto isso, dado o momento atual. É preciso recuperar estes homens e estes jogadores sob o ponto de vista psicológico, motivá-los, e juntar essa motivação à qualidade que eles têm, para desempenharmos aqui um bom papel”. Dedicação, trabalho, compromisso e alma são palavras-chave que Figueiro procura continuar a ver personificadas: “Esta equipa teve uma alma muito grande para virar o resultado contra o Académico de Viseu, em casa, e houve outros momentos durante o campeonato em que também a teve para vencer jogos. Portanto, vamos motivar estes jogadores, tentar dar-lhes aquilo que precisam, aquela confiança necessária para serem mais e melhores e, fundamentalmente, tentar extrair essa alma não só em alguns momentos, mas sim em todos os jogos”.

O mister Carlos Figueiro não escondeu a “ambição de longa data” de treinar o FC Paços de Ferreira, pelas “pessoas sérias”, pelo “plantel capaz” e pelas “excelentes condições de trabalho”. “Estou motivado, grato pela oportunidade, e não quero defraudar as expetativas e a confiança que depositaram em mim”, afirmou. Aos sócios, parte fundamental para a desejada recuperação, deixou ainda uma mensagem: “Estou habituado a ver este estádio cheio, repleto, e a massa adepta tem a capacidade de nos dar aquilo que nós precisamos. Venham ao estádio, marquem presença, apoiem a equipa. Estamos num momento delicado, no qual ninguém esperava estar nesta altura, e só com o vosso apoio vai ser possível sair desta situação o quanto antes”.

Como treinador, Carlos Figueiro orientou o Leixões SC, antes de chegar à Capital do Móvel, mas foi no Luxemburgo que passou a maior parte da sua carreira, tendo conquistado o título luxemburguês pelo Dudelange, na época desportiva 2021/2022. Foi no Luxemburgo que terminou, aliás, o seu percurso como jogador profissional, depois de vários anos em clubes como o Leixões SC e o Vitória SC, e de passagens pelo futebol inglês (Millwall), grego (Ionikos) e vietnamita (T&T Ha Noi).





Futuro discutido na última AG

Na última Assembleia Geral do FC Paços de Ferreira, realizada no dia 8 de janeiro, foram vários os pontos a merecer a atenção de todos os presentes. De destacar foi também a participação dos sócios pacenses – algo que se começa a traduzir como habitual, nas Assembleias do clube.

Cerca de 300 sócios do FC Paços de Ferreira marcaram presença na última Assembleia Geral do clube, que teve lugar no Auditório da Associação Empresarial de Paços de Ferreira. A participação expressiva de sócios nas Assembleias tem sido habitual, representativa do interesse dos pacenses pela gestão e pelos destinos do clube. Desde o anúncio da convocatória, tinha-se como certa a clarificação de três pontos essenciais: as contas relativas ao exercício fiscal correspondente à época desportiva 2023/2024; o estado do processo de criação da SAD e da alienação de capital, e o ato eleitoral relativo ao próximo biénio.

O FC Paços de Ferreira apresentou, então, um exercício positivo de cerca de 478 mil euros, ao passo que a SDUQ registou quase dois milhões de resultado negativo – pese embora os cortes substanciais registados nos itens de despesa. Da votação para a aprovação destas contas, foram contabilizados 1065 votos a favor, 286 votos contra e ainda 292 abstenções.

Outro tema central desta Assembleia foi a oficialização da queda das negociações com o Independiente del Valle e o Celta de Vigo para a criação de uma SAD – negociações que foram previamente aprovadas pelos sócios do clube em junho de 2023. Paulo Meneses, presidente da Direção pacense, deixou claro que as negociações falharam pelo facto de não ter abdicado de pontos considerados basilares para o FC Paços de Ferreira, e que pretendiam ser alterados pelos investidores. Apesar de não se ter concluído a transformação de SDUQ para SAD com este consórcio, tal mudança pode, eventualmente, ser concretizada por futuras Direções, com outros investidores.

Por fim, a atual Direção do FC Paços de Ferreira levou à Assembleia Geral uma proposta para antecipar as eleições relativas ao biénio 2025/2027 para março de 2025 – não se realizando em maio, como seria expectável de acordo com os Estatutos do clube. Os sócios presentes aprovaram a proposta com 982 votos a favor, 465 votos contra e 45 abstenções, pelo que, brevemente, será feita a divulgação do calendário eleitoral. Certo é, desde já, que as eleições irão decorrer na primeira quinzena de março.

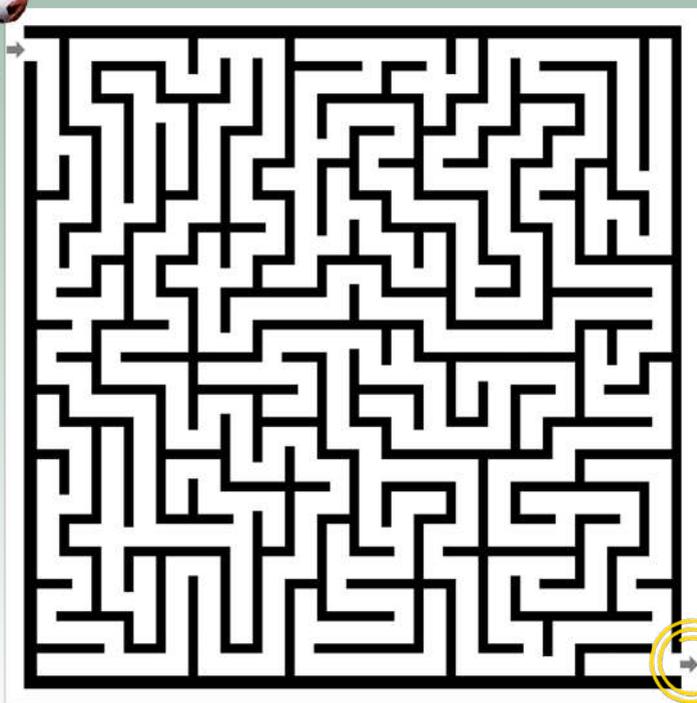
NorteCar
automóveis

TEMPO DE INTERVALO



Equipado a rigor e com a bola debaixo do braço, o Castor tem apenas um objetivo: chegar à Mata Real a tempo para marcar presença no jogo de hoje.

Consegues ajudá-lo a ultrapassar o labirinto?



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural

RECORDA O ÚLTIMO JOGO

JORNADA 16 LIGA PORTUGAL MEU SUPER | 12 JAN 2025 | ESTÁDIO MUNICIPAL DR. MACHADO DE MATOS

FC FELGUEIRAS 1-0 **FC PAÇOS DE FERREIRA**
(1-0) VASCO



Os Castores voltaram ao estádio que foi «casa emprestada» em 2013



Foi o primeiro jogo entre as equipas após a refundação do Felgueiras



Ícaro voltou a ser titular ao lado de Diegão pela segunda vez consecutiva

Uma outra visão do jogo
FCPF SIDELINE



YouTube @FCPF



Rui Fonte esteve perto do golo, obrigando Bruno Pinto a uma grande defesa



Marozau, primeiro reforço de inverno, fez a sua estreia pelo Paços

Nota para os adeptos Paçenses, que estiveram presentes em Felgueiras em grande número



PRÓXIMO JOGO

JORNADA 19 LIGA PORTUGAL MEU SUPER

MARÍTIMO - PAÇOS

25 JANEIRO | 15:30H | ESTÁDIO DO MARÍTIMO



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

